

Violência colonial: uma leitura de dois contos de José Luandino Vieira

Susanna Ramos Ventura*

Resumo

O presente trabalho propõe realizar uma leitura de dois contos do escritor angolano José Luandino Vieira (“O fato completo de Lucas Matesso” e “À sexta-feira”), iluminados por leituras consideradas clássicas no final da década de 1960: Frantz Fanon, Jean Paul Sartre, Albert Memmi. Posteriormente esquecidas, ou mesmo consideradas ultrapassadas, propomos, pela releitura da teoria, a verificação da atualidade e validade de colocações que foram produzidas num momento histórico de efervescência – quando as lutas de libertação das colônias africanas estavam em marcha – para a realização, hoje, de uma análise literária.

Palavras-chave: Revitalização de leitura; Releitura teórica; Análise literária.

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. (Frantz FANON, 1968)

Pensando sobre a violência colonial, resolvemos refazer algumas leituras teóricas que foram consideradas clássicas para verificar sua atualidade na análise de dois contos de José Luandino Vieira. No caso, os textos teóricos são: o prefácio de Jean Paul Sartre ao livro **Os condenados da terra** de Frantz Fanon, o capítulo primeiro do mesmo livro, denominado “Da violência”, o ensaio “Orfeu negro”, parte do livro **Reflexões sobre o racismo** de Jean Paul Sartre e, por fim, **O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**, de Albert Memmi. Os contos de José Luandino Vieira escolhidos são dois, vistos como complementares. “O fato completo

* Universidade de São Paulo (doutoranda).

de Lucas Matesso” e “À sexta-feira” fazem parte do livro **Vidas novas** e datam, segundo o autor, do ano de 1962.

Um ponto de grande interesse na escolha dos textos ficcionais foi a contrapartida do que denominaremos universos feminino e masculino dos colonizados frente ao poder policial, universos estes representados nos contos. A epígrafe escolhida para este trabalho, de **Os condenados da terra** de Frantz Fanon, nos dá a diretriz teórica pela qual pretendemos elucidar os textos. Em “O fato completo de Lucas Matesso” observamos o interior da prisão e o mundo dos presos torturados, cuja existência é brevemente iluminada às sextas-feiras pelas visitas das companheiras. Em “À sexta-feira” vemos a contrapartida, ou seja, a espera do grupo de mulheres pela sua vez de entregar roupas, alimentos e tentarem ver os familiares presos.

Assim sendo, gostaríamos de – após uma paráfrase dos textos ficcionais em que esperamos destacar alguns pontos de interesse – rever alguns trechos teóricos que, cremos, possam levar-nos a uma reflexão sobre os textos destacados de José Luandino Vieira.

PARÁFRASE DOS CONTOS

“O fato completo de Lucas Matesso” – José Luandino Vieira

O conto “O fato completo de Lucas Matesso”¹ se passa numa prisão e começa com um diálogo entre um velho guarda prisional, Artur e seu chefe, o denominado Chefe Reis. Vejamos:

O guarda prisional veio lhe avisar, um sorriso de mentira colado na cara, com gosma da informação no directo:

— Chefe Reis, tenho uma boa novidade...

Os anos de serviço que já tinha davam mesmo direito a esse ar de segredo que adiantava por nas palavras. Sentou-se na cadeira, mesmo sem licença e segredou:

— Sabe! Fez bem em dar visita ao 16!

O chefe fechou os olhinhos, pareciam eram de rato, e um sorriso mau agarrou-lhe nos lábios descoloridos, sentindo já alguma coisa ia passar com esse sacanas do Lucas João Matesso.

[...]

— Diga lá a novidade, carago! Está-me a fazer água na boca! (p. 113)

O guarda conta que ouviu Lucas Matesso pedir à esposa, ao final da visita, que lhe trouxesse o fato completo. O Chefe reage:

¹ VIEIRA, 1985. Todas as citações serão dessa edição, indicadas apenas pelos números das páginas.

— P'ra que raio quer esse gajo o fato completo com este calor? Ou o sacana pensa que o processo dele vai para tribunal?

É riu tremendo os beijos finos e mostrando fila de dentes amarelos e pequeninos. Quando ria assim toda a cara dele ficava cheia de riscos que prendiam os olhos e lhe faziam parecer era puco do capim. (p. 114)

O guarda pensa em algum bilhete escondido, que viria dentro do “fato”. O chefe faz “um gesto de agradecer”. Levanta-se e começa a passear “com os passinhos curtos das pernas cambaias” (p. 115). Reis estava interrogando o preso sem sucesso há três meses por uma suposta ligação com o Congo. Recebera advertências do inspetor, “inventara uma história que fingisse certa”, mas nada conseguira do superior. Deseja uma promoção na hierarquia prisional, vê aproximar-se um concurso para sub-inspetor, porém sente que a “relutância” de Lucas Matesso o prejudica em suas ambições:

Mas o inspetor não quisera mais ouvir-lhe as desculpas que estava a arranjar, a cabeça cheia desse exame que chegava e uma raiva a encher-lhe o peito curto, uma vontade de rebentar à porrada esse cão do Lucas Matesso, fazer-lhe confessar qualquer coisa, nem que fossem mentiras, não fazia mal. Era preciso apresentar o processo ao inspetor, era a sua fama, a sua carreira que estava ainda em perigo. (p. 116-117)

O preso já foi bastante torturado até então, pelo que se depreende do texto:

[...] em três meses de interrogatórios, porrada todas as vezes, dias sem comer e sem tratamento. [...] Chamava-lhe para interrogatório pela noite dentro, mandava-lhe molhar o corpo antes de o ajudante lhe arreasse uma surra de cavalo-marinho, o homem torcia, gemia, borrava às vezes, pedia perdão, mas, bem espremido como ele sabia fazer, não deitava nada. (p. 115)

O sadismo do chefe Reis é deixado claro pelo narrador:

Por isso ri agora baixinho, satisfeito, esfregando as mãos contentes, engelhando a cara para esconder os olhinhos maus, pensando que sim, era agora que lhe caçava, esse tipo tinha esperado três meses e agora ia talvez receber algum recado. Já sentia o chicote a berrar em cima da pele do homem, os gritos, as desculpas que ele punha sempre, aquele prazer que lhe entrava no corpo quando acendia o cigarro e se encostava na cadeira para começar ditar no ajudante:

— ... declarou que... (p. 117)

[...]

É afastou-se com o passinho miúdo e aos saltinhos como rato, os olhos outra vez encolhidos de alegria, as mãos fazendo festas no queixo, sonhando com esse dia de manhã em que ele ia mas é fazer um fato completo a chicote a esse sacana do Lucas João Matesso, da cela 16. (p. 118)

O chefe Reis começa a conversa com educação. Lucas Matesso estranha a mudança de atitude:

Não tinha respondido, burro com essas palavras, nos outros dias era só cão, negro e muitas mais asneiras a insultar-lhe, disparatando a família. (p. 119)

[...]

Mas dentro da cabeça alguma coisa avisou-lhe o perigo, aqueles olhos pequenos, escondidos, mal se viam, nunca ficavam bons mesmo quando o chefe punha aquelas palavras. (p. 120-121).

Lucas Matesso é deixado sem comida dois dias. É sexta-feira e ele aguada ansioso a visita da mulher:

E pensou Maria ia vir hoje com a roupa dele, como era costume, sextas de manhã e uma alegria lhe agarrou no coração com a lembrança da visita desse dia de ontem, pouco tempo era verdade no fim de três meses, mas boa, para ver ainda a companhia que lhe esperava lá fora com a coragem dela de trabalhar ainda para os três monandengues que tinha. (p. 123)

A esposa chega com as roupas que são minuciosamente revistadas pelo guarda. Não veio o traje esperado pelo guarda Artur e pelo chefe Reis. O guarda diz: “Veio comida, dessa comida que esses gajos comem, com aquela porcaria do azeite amarelo e esta roupa!”. O guarda e o chefe se desesperam, revistam lençóis, meias, nada. O único traje completo é um pijama, que com ódio particular é desfeito em tiras, em busca de um bilhete ou prova escrita. Nada. O chefe volta-se cheio de ódio contra o velho guarda, chama-o “parvo, burro”. O chefe começa nova sessão de tortura, Lucas Matesso apanha muito e duramente, é barbaramente torturado até terem de parar sob o risco de matá-lo. O chefe lhe pergunta do bilhete, o bilhete que viria no fato completo. Regressado à cela, muito maltratado, mas faminto, Lucas esgueira-se por entre as roupas amontoadas no chão e se aproxima da comida que a esposa trouxera:

Essa comida de feijão de azeite-palma com peixe de azeite-palma, a banana e tudo, que toda a gente nos musseques tem só a mania de chamar de “fato completo”.

A gargalhada grande como as chuvas de Abril engrossando mais os rios cantou na garganta dele, encheu a cela de alegria, fugiu no postigo, pelo arames da rede, entrou maluca nos gabinetes onde os irmãos aguentavam as pancadas e torturas, calou os pássaros no jardim e, com um salto, voou por cima dos muros da prisão, correndo livre pelas areias de todos os musseques da nossa terra de Luanda. (p. 138)

“À sexta-feira” – José Luandino Vieira

Em “À sexta-feira”, a ação se passa numa sexta-feira de manhã, do lado de fora de uma prisão. Uma longa fila de mulheres, vestidas em trajes tradicionais – as mulheres de panos – aguardam sentadas primeiro à chuva, depois ao sol, a hora de entregarem roupas limpas e comida aos guardas e pegarem a roupa suja, entrevendo, talvez, os presos:

Passava sempre assim à sexta-feira de manhã.

E mesmo se era como essa, de chuva fininha a furar a gente, o grupo de mulheres segurando as imbambas para a família não deixava de sentar ali no chão, na frente da porta grande, esperando a vez de entregar e receber essas coisas que falavam a pessoa de cada qual ainda estava viver lá dentro daqueles muros amarelos, com canos de metralhadoras a espreitar nas mãos dos policiais de capacete de aço.

Mas mesmo que tinha ainda muitas pessoas e até os monas que lhes traziam nas costas e nas mãos, o barulho era sempre pouco. Alegria não tinha ali, os olhos novos e velhos estavam esquivados atrás desse fumo cinzento de chuva magrinha, molhando tudo até no coração. Só os monandengues, sem perceber nada, às vezes riam, punham brincadeiras ou brincavam nas costas e nos braços das mães, reclamando a comida ou chorando de dor.

Cada vez que a porta abria e uma pessoa adiantava entregar as coisas no rapaz preso que ajudava o guarda, os olhos todos espreitavam lá dentro as janelas pequenas e as portas das grades, onde muitas vezes quem tinha sorte dava encontro com olhos gulosos da vida a espreitar ou fazer sinais mesmo. A pessoa que lhe recebiam as roupas e as comidas ficava ainda a esperar para lhe chamarem outra vez, na vaza dela, receber embora a roupa suja. (p. 45-46)

Toda a gente ali estava de manhã cedinho, esperando com paciência a hora de receber e entregar as únicas notícias autorizadas das pessoas que gostavam, essa roupa que lhes trazia um corpo, um cheiro conhecidos, muitas vezes mesmo um sangue que não conheciam mas adiantavam adivinhar. E Nela tinha chegado, tinha tocado a campainha e sabia, de certeza, o guarda ia lhe abrir a porta, ia lhe receber as coisas, entregar a roupa logo nessa hora. (p. 51)

Um táxi pára à porta da prisão e dele desce Nela. Descrição da personagem Nela: mulata, sapatos de salto, bolsa branca, cara de menina, usa vestido, tem cabelo claro, louro, desfrisado. Filha de mãe negra, desconhecia o fato e fora criada em colégio de freiras. Está grávida do marido ou namorado, que se encontra preso:

Nela desceu [do táxi] no meio do monte de mulheres sentadas ou encostadas, catando os monas, dando de mamar ou olhando-se umas nas outras com os olhos vazios e quietos, pondo só palavras pequenas e baixas.

Atrapalhada, a carteira branca numa mão e o saco de coisas na outra [...] Era ainda a primeira vez que vinha nesse sítio, nesse dia de entrega das roupas, como lhe avisaram quando tinha telefonado no diretor da cadeia. (p. 46-47)

Uma criança se choca com Nela, que acabara de furar “com jeito” (p. 47) a fila de mulheres, arranca-lhe da mão o saco que se abre e deixa cair seu conteúdo: laranjas. A mãe da criança corre para apanhá-las. Nela se atrapalha e ela se encosta no muro para pensar. Observa e é observada pelas mulheres à sua volta:

O sol rasgava os trapos de nuvens e batia-lhe na cara, mas Nela não deixava os olhos das mulheres que lhe miravam, as caras delas, quietas e paradas, não tinham idade. A vida tinha posto tatuagens em todas, riscos que lhes faziam iguais, feitos pelo mesmo artista, mas também cada qual era diferente, uma só força naquele grupo. Sentadas ou abaixadas, caladas nas mãos e nos olhos, mesmo assim saía uma impressão

do monte, uma coragem que afogava Nela, agarrada de repente na armadilha dos seus pensamentos, pelejando com aquelas vidas. (p. 50)

Começa a conversar com uma das mulheres de pano, Inácio, mãe da criança que se chocara com ela e que lhe pede uma laranja. Começa a ver aquelas mulheres como suas iguais. Chora ao sol, em frente da outra, que a leva para a sombra e lhe diz:

— Menina, sai ainda no sol. Precisa não ficar doente para o tempo mau agüentar menos a passar...

[...]

— Meu homem, meu filho e mesmo outra família estão lá dentro. Menina, pára ainda esse choro! Não pode chorar. Esses brancos aí não merecem nossas lágrimas, nossa tristeza ia ser ainda a alegria deles. (p. 57)

Por fim, a porta da prisão se abre para Nela:

E quando o guarda abriu o portão com um sorriso e lhe quis segurar no saco da fruta e da roupa, falando desculpas pôr ter feito esperar um bocadinho, Nela olhou-lhe nos olhos, serena e fria, e respondeu-lhe as palavras que as mulheres sentadas no areal, que Sé Pedro e outras lá atrás das paredes odiadas e esse filho que crescia na sua barriga reclamavam:

— Obrigada! Mas eu espero pela minha vez. (p. 59)

ANÁLISE DOS TEXTOS TEÓRICOS

Jean Paul Sartre: Prefácio a *Os condenados da terra* de Frantz Fanon

Em 1961, quando foi escrito o prefácio a *Os condenados da terra* de Frantz Fanon, Sartre afirmava que há não muito tempo a terra possuía dois bilhões de habitantes, sendo quinhentos milhões de homens e um bilhão e meio de indígenas, os homens dispendo do Verbo, e os indígenas tomando-o emprestado. Segundo Sartre (1968), no entanto, antes de 1939:

Surgiu uma [...] geração que alterou o problema. Seus escritores, seus poetas, com incrível paciência trataram de nos explicar que nossos valores não se ajustavam bem à verdade de sua vida, que não lhes era possível rejeitá-los ou assimilá-los totalmente. (p. 4)

José Luandino Vieira tem a maior parte de sua produção vindo à tona exatamente na década de 60, período em que se encontrava preso. Conforme aponta Rita Chaves (1999, p. 167), em termos da elaboração da linguagem, José Luandino Vieira se destaca de seus antecessores na literatura de Angola ao adotar procedimentos de escrita que subvertem as convenções da língua do colonizador, tendo ido em busca

de uma linguagem que desse conta da diversidade do português falado no país, em especial buscando a apreensão do modo de falar dos habitantes dos musseques da cidade de Luanda. O resultado é uma obra significativa que tem suscitado valiosos estudos comparativos, em especial com a do brasileiro Guimarães Rosa, um autor admirado pelo próprio José Luandino Vieira.

Através de sua obra, José Luandino Vieira não apenas toma emprestado o Verbo, mas efetivamente trata de recriá-lo de maneira a retratar a verdade de um povo que se serviu da língua imposta pelo colonizador para nela tratar de calcar um modo de expressar sua própria realidade.

Sartre (1968), em seu prefácio, afirmava que o testemunho das vítimas da colonização era irrefutável, pois elas conheciam o colonizador “por suas feridas e seus grilhões” (p. 8). No contexto dos contos em questão, isso se mostra particularmente verdadeiro uma vez que as narrativas se passam exatamente num estabelecimento prisional. As feridas e grilhões impostos aos presos em “O fato completo de Lucas Matesso” são testemunhadas, sentidas e pressentidas por suas mulheres, encarregadas de cuidar de suas roupas em “À sexta-feira”.

A massa de mulheres que espera ao relento, agüentando tanto a chuva quanto o sol inclemente em busca de um momento junto aos homens, ou simplesmente à espreita de um rosto conhecido, fragmentos de notícia ou até a condenação a adivinhar no sangue colado às roupas sujas as torturas sofridas por seus entes queridos, nos diz de um mundo no limiar de outro: o mundo dos colonizados frente ao símbolo maior da repressão do colonizador, a prisão, ou mesmo o mundo diário, real, do dia-a-dia da colonização que, para as mulheres, compreende trabalhar para sustentar a si e aos filhos quando o homem está preso; e o mundo confinado dos que se encontram presos e torturados.

Sartre (1968) uma vez mais nos afirma que “uma vez que ninguém pode sem crime espoliar seu semelhante, escravizá-lo ou matá-lo, eles [os colonizadores] dão por assente que o colonizado não é o semelhante do homem” (p. 9). Nos contos, isso pode ser claramente visto: o torturador se refere a Lucas Matesso como “um cão”, trata-o de maneira absolutamente desumana e degradante, não apenas por meio da tortura física mas também das ofensas que profere contra o preso e sua família. Da mesma forma, a maneira como são tratadas as mulheres na sexta-feira é degradante, fazem-nas esperar horas sem motivo – como se depreende do rápido atendimento oferecido a Nela – e, como vimos em “O fato completo”, muitas vezes deixam-nas visitar os presos apenas como forma de alimentar ainda mais a violência e a repressão, dando a eles um fio de esperança com a intenção de transformá-lo em fio de Ariadne que conduza ao desmantelamento de qualquer tipo de resistência ao sistema colonial. Como afirma Sartre (1968),

A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. Desnutridos, enfermos, se ainda resistem, o medo concluirá o trabalho [...] a vergonha e o temor vão fender-lhes o caráter, desintegrar-lhes a personalidade. (p. 9)

No entanto, o que se vê nos contos é a resistência pacífica mas indomável diante do poder. Lucas Matesso não se dobra pela tortura, as mulheres resistem ao tempo e ao descaso do sistema prisional, Nela abdica de sua “supremacia” para se solidarizar com a massa de mulheres de panos.

Frantz Fanon, “Da violência”, capítulo I de *Os condenados da terra*

Começamos pelo trecho do capítulo de onde sai a epígrafe a esta análise, e que reproduzido em sua totalidade afirma:

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. [...] Nas regiões coloniais [...] o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e freqüentes, mantêm contacto com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de *napalm*, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. [...] leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. (FANON, 1968, p. 28)

Em “O fato completo de Lucas Matesso” observamos a vida de um preso, Lucas Matesso, no interior de um estabelecimento prisional. Privado de todos os direitos, o preso é interrogado e torturado há três meses. Pelo que observamos do diálogo entre o chefe e seu guarda, não existe nem existirá processo ou tribunal para julgar Lucas Matesso. A violência é praticada sem respaldo legal, gratuitamente, como se o preso não fosse em realidade um ser humano. Além disso, Lucas Matesso é mantido faminto, antes das torturas por vezes lhe subtraem várias refeições com o intuito claro de enfraquecê-lo. A violência que se abate sobre o preso é redobrada quando surge a desconfiança a respeito do suposto envio de uma mensagem escrita. Observamos que, embora imersos teoricamente na mesma sociedade, existe um abismo que separa o chefe prisional e seu guarda do mundo do preso. O não reconhecimento da existência de uma cultura colonial própria e autêntica faz com que os membros da polícia não creditem à expressão “fato completo” sua verdadeira acepção no contexto cultural onde vivem. Em realidade, os representantes da colônia, chefe e guarda, habitam o mesmo espaço urbano – a cidade de Luanda – que seus presos, com a diferença de que os últimos vivem nos musseques que contornam a cidade; no entanto, são incapazes de perceber que uma expressão em português possa designar outra

coisa que não o significado original atribuído na metrópole, e aí reside a chave da compreensão do conto e também seu forte componente irônico. “Fato completo” em “português de Portugal” significa traje masculino social completo, enquanto para o contexto do português falado em Luanda pelo povo dos musseques designa uma comida. Ao pedir à esposa o “fato completo” o preso, faminto e desnutrido, pede apenas e tão somente por comida, contudo, tal pedido é interpretado pelo guarda prisional como sendo o de um traje que poderia conter, segundo deduz, um bilhete.

Conforme Fanon, há a imposição pelo colono de uma imagem do “mal” a ser empregada para o colonizado, já o colonizado faz o caminho contrário, ou seja, passa a identificar o colono com “o mal”. Tal se pode ver pelas descrições do chefe Reis em “O fato completo de Lucas Matesso”. Reis tem beijos finos, os dentes são amarelos e pequeninos, os olhos são descritos como “olhinhos maus”, o andar é a passinhos miúdos, as pernas são cambaias e ele anda “aos saltinhos como rato”, o sorriso é mau, “como de cobra”. Por sua vez, Reis se refere sempre a Lucas como a um animal, e manifesta o gosto sádico por torturá-lo.

Vemos como as poucas visitas permitidas são cuidadosamente supervisionadas pelos guardas em busca de pistas, porém, mesmo assim, são esses os momentos aguardados e vividos às sextas-feiras, aqueles que sustentam os presos, dando-lhes forças para continuar a resistir.

A contrapartida dá-se no conto “À sexta-feira” em que vemos as mulheres dos presos – a grande maioria delas bastante humilde – à espera do lado de fora da prisão. O tratamento dispensado a elas é discriminatório e ruim. Fazem-nas esperar horas, chamando-as em turnos, às vezes permitindo breves visitas, dando-lhes as notícias oficiais sobre o estado de seus entes presos. O contraste é flagrante quando se vê o tratamento dispensado a Nela, morena clara, de cabelos claros e mantidos lisos, que se apresenta vestida à maneira ocidental, após haver telefonado ao diretor da prisão: é atendida em pouco tempo, com uma deferência que não é merecida pelas demais mulheres. A violência é velada, mas bastante evidente: as mulheres deixadas à espera, esparramadas pelo chão com seus filhos em volta, sujeitas às inclemências do tempo e muitas vezes só toleradas, pois portadoras de alento aos maltratados presos, impedindo-os de se deixarem morrer. Como no texto de Fanon, a violência transpassa as fronteiras do presídio e é levada inclusive às casas, transportadas com as mulheres junto à roupa que muitas vezes traz o sangue das torturas sofridas.

Jean Paul Sartre, “Orfeu negro”

“Orfeu negro” é um texto de Sartre que, para o contexto angolano, precisa ser visto com algumas ressalvas. Sartre acentua a posição do intelectual negro e coloca conceitos muito discutidos e discutíveis desde então, como o da negritude. Se tais

afirmativas eram aplicáveis na totalidade às colônias francesas, quando se trata da colonização portuguesa em Angola há que tecer algumas considerações. Em Angola, como em algumas outras colônias portuguesas, houve uma forte tendência à mistura racial, o que fez com que, nas diversas classes sociais da colônia, houvesse a presença de mestiços e de brancos nascidos nela, filhos de colonos (em sua maioria pobres) que viram no país sua verdadeira pátria. Daí resultou que uma boa parte da massa de intelectuais (inclusive José Luandino Vieira) seja composta por brancos e mulatos. De qualquer maneira e especialmente para este autor, é válida a afirmação de Sartre de que: “O heraldo da alma negra passou pelas escolas brancas, segundo a lei de bronze que recusa ao oprimido todas as armas que ele próprio não haja roubado ao opressor” (SARTRE, 1960, p. 113). O uso da língua e da linguagem moldada por José Luandino Vieira em sua literatura é vista por Rita Chaves (1999, p. 167) como uma “aposta na transgressão da norma culta como afirmação de um grau de autonomia essencial à conquista da identidade nacional, cujo processo alcançava, à altura, um novo estágio”. Essa transgressão, levada a um alto grau de elaboração artística por José Luandino Vieira, corrobora uma outra afirmação de Sartre, no mesmo ensaio, em que ele diz, a respeito da expressão do colonizado na língua do colonizador, que haveria um “desnível ligeiro e constante que separa aquilo que ele disse daquilo que desejaria dizer, quando fala de si” (SARTRE, 1960, p. 118). Tal desnível é superado, pois a recriação da língua matriz imposta resulta numa nova língua, capaz de expressar os sentimentos e anseios de um povo que se apropriou dela e transformou-a, moldando-a à sua realidade. Esse fenômeno está bem demonstrado no conto “O fato completo de Lucas Matesso”, onde a ação gira em torno da falta de compreensão dos representantes da colônia – no caso, policiais – da realidade lingüística dos colonizados.

Albert Memmi – Retrato do colonizador precedido pelo retrato do colonizado

No texto de Albert Memmi (1967), vemos uma análise dos assimilados que parece muito adequada a uma análise das personagens do Chefe Reis e do guarda Artur de “O fato completo de Lucas Matesso”:

Os recém assimilados situam-se geralmente muito além do colonizador médio. Praticam uma supercolonização; ostentam orgulhoso desprezo pelo colonizado e lembram com insistência sua nobreza de empréstimo, desmentida freqüentemente por uma brutalidade plebéia e pela sofreguidão. Deslumbrados ainda com seus privilégios, os saboreiam e defendem com avidez e inquietação. E, quando a colonização corre perigo, fornecem-lhe seus defensores mais dinâmicos, suas tropas de choque e, algumas vezes, seus agentes provocadores. Os representantes da autoridade, quadros, “caides”, policiais, etc., recrutados entre os colonizados, formam uma categoria de colonizados que pretende escapar à sua condição política e social. Mas, tendo es-

colhido, devido a isso, colocar-se a serviço do colonizador e defender exclusivamente seus interesses, acabam por adotar sua ideologia, mesmo em relação aos seus e a eles próprios. (p. 30)

Os agentes policiais nos dois contos de José Luandino Vieira parecem agir como se não fizessem parte da mesma sociedade onde vivem aqueles a quem oprimem. Como “braços” do regime colonial, colocam-se de tal modo a serviço da colonização que se esquecem de suas origens e de sua condição. Exemplo claro é dado pelas personagens do guarda Artur e do Chefe Reis, pois, embora vivam na mesma cidade de Lucas Matesso, sejam provavelmente originários da colônia e convivam com a realidade prisional das mulheres que visitam seus familiares semanalmente, trazendo-lhes comida e roupas, não são capazes de compreender que “fato completo” seja uma expressão que designa uma comida, ou melhor, não cogitam que possa haver outro significado para a expressão “fato completo” que não aquele atribuído pela metrópole. Embora vivendo na colônia, estão tão fortemente atados à metrópole que não se deixam sequer “contaminar” pelo contexto cultural que os cerca. Isolados, praticam a chamada “super-colonização”, desejando ser, como definiria uma expressão bem brasileira, “mais realistas que o rei”, aplicando a violência cega, não parando para pensar num sistema que prefere a violência ao uso do intelecto para tentar suplantar os movimentos de libertação.

Segundo Memmi (1967), as condições da existência na colônia dificultam o aparecimento de escritores, uma classe que, por si só, exige um mínimo de escolarização e condições intelectuais, além disso o papel do escritor colonizado “é por demais difícil de sustentar: encarna todas as ambigüidades, todas as impossibilidades do colonizado, levadas a um grau extremo” (p. 98). No caso de Angola na década de 60, quando José Luandino Vieira escreveu grande parte de sua obra, os fatores apontados eram realmente extremos, inclusive a situação pessoal do escritor, que escreve grande parte de sua obra enquanto se encontra preso.

Conforme apontará Memmi em seu texto, o autor colonizado luta com vários fatores de extrema dificuldade: escreve para uma minoria em seu próprio território, pois a maioria sequer se serve do mesmo idioma que ele, e quando o faz é de forma precária, não chegando a constituir um público para sua obra, que acaba por ser aquele da metrópole que sua literatura combate. No entanto, em seu texto, Memmi (1967) aponta para a literatura produzida nas colônias dois caminhos possíveis:

O problema só pode resolver-se de duas maneiras: pelo esgotamento natural da literatura colonizada; as próximas gerações nascidas na liberdade, escreverão espontaneamente na sua língua recuperada. Sem ir tão longe, outra possibilidade pode tentar o escritor: decidir-se a pertencer totalmente à literatura metropolitana. Deixemos de lado os problemas éticos suscitados por tal atitude. É então o suicídio da literatura colonizada. Nas duas perspectivas, só o prazo diferindo, a literatura colonizada de língua europeia parece condenada a morrer jovem. (p. 100)

Como podemos observar, na literatura angolana pós-colonial, não se deu nenhum dos casos previstos por Memmi, senão que se consolidou a produção literária em língua portuguesa, alguns autores seguindo pela senda aberta por José Luandino Vieira, no sentido da busca pela reinvenção da linguagem e outros trilhando caminhos próprios de trabalho com uma língua que, segundo José Luandino Vieira, é um “despojo de guerra” (*apud* CHAVES, 1999, p. 167) que, no entanto, reflete, sim, uma intelectualidade que atua desde, pelo menos, a metade do século XIX e que no decorrer deste período conseguiu chegar a expressar os anseios da nação angolana.

CONCLUSÕES

Dentro de nossa proposta inicial, fizemos, após uma paráfrase dos dois contos de José Luandino Vieira, a releitura de textos teóricos considerados clássicos nas décadas de 60 e 70 do século XX e depois bastante esquecidos. Pudemos notar que, embora nem sempre certos em suas previsões do futuro das literaturas produzidas no contexto das lutas de libertação das diversas colônias, os textos se mantêm bastante atuais no que tange à análise do que foi o contexto colonial e de como a repressão e violência coloniais foram exercidas então. No que tange às observações sobre o uso da língua do colonizador para expressar a realidade colonial, as limitações apontadas pelos teóricos realmente existiram e existem, pois, muitas vezes nas literaturas dessas, agora, nações, o trabalho com a língua não chegou a um grau de requinte que permitisse a plena expressão das particularidades do percurso existencial e das realidades físicas nelas encontradas. Todavia, no caso de José Luandino Vieira, esse artífice da palavra chegou, em seu trabalho, a um alto grau de elaboração estética da língua, tendo como resultado artístico uma obra que explora, nomeia e expressa as peculiaridades da sociedade angolana, em especial luandense.

Resumen

El trabajo que ora se presenta intenta la realización de una lectura de dos cuentos del escritor José Luandino Vieira (“O fato completo de Lucas Matesso” y “À sexta-feira”), a la luz de lecturas consideradas clásicas en los fines de los años 1960: Frantz Fanon, Jean Paul Sartre, Albert Memmi. Después olvidadas, o mismo consideradas anticuadas, intentaremos, por la re-lectura de la teoría, la verificación respecto a la actualidad e validez de textos producidos en un momento histórico de gran efervescencia – cuándo las luchas por la independencia de las colonias africanas estaban en marcha – para la realización, hoy, de una análisis de orden literaria.

Key words: Revitalización de lectura; Re-lectura teórica; Análisis literaria.

Referências

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Coleção Via Atlântica, n. 1, 1999.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

SARTRE, Jean Paul. Prefácio. In: **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 1-21.

SARTRE, Jean Paul. Orfeu negro. In: **Reflexões sobre o racismo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

VIEIRA, José Luandino. **Vidas novas**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.